

**Paisagens efêmeras:
um domingo na Paulista**

**Ephemeral landscapes:
a Sunday at Paulista Avenue**

**Paisajes efímeras:
un domingo en la
Avenida Paulista**

Laura Duque Peters¹

Orientador: Prof. Ms. Eduardo Gurian (EC, FAAP, FAU-MACK)

Pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão de

Curso junto à Escola da Cidade em 2016

“O trabalho se propõe a um exercício de análise e identificação de temas presentes na paisagem. Um exercício de registro de um momento sob um ponto de vista, dentro de um universo de temáticas que poderiam ser adotadas na Paulista Aberta. As formas de usar e as atividades ainda estão em construção e podem se tornar algo diferente a cada domingo, dando a pesquisa um caráter de continuidade indefinida. Uma vez que as possibilidades não se esgotam, não existem regras gerais que podem prever nem definir as formas nas quais a avenida é ou será ocupada.”

“The work proposes an exercise of analysis and identification of present themes in the landscape. An exercise of registering a specific moment from one point of view, within a universe of themes that could be adopted in the Paulista Aberta. The ways of using this ephemeral landscape and activities are still under construction and can become something different every Sunday, giving a character of indefinite continuity to the research. Once the possibilities cannot be exhausted, there are no general rules that can predict or define the ways in which the avenue is or will be occupied.”

“El trabajo se propone a un ejercicio de análisis de identificación de temas en el paisaje. Un ejercicio de registro de un momento desde un punto de vista, dentro de un universo de temas que podrían adoptarse en la Paulista abierta. Las formas de uso e las actividades todavía están en construcción y pueden convertirse algo distinto a cada domingo, dando a la investigación un carácter de continuidad indefinida. Una vez que las posibilidades no se agotan, no existen reglas generales que pueden prever ni tampoco definir las formas en las cuales la avenida es o será ocupada.”

Há, durante o processo de elaboração de um projeto, uma relação direta e binária entre o projetista e a representação do seu projeto, conformada pelo espaço de tentativas e erros através do desenho. No momento em que a representação transita para a obra construída, essa relação se extingue e o projeto, agora físico, se abre à cidade e a terceiros, se torna vulnerável a falhas, imperfeições, requalificações e apropriações não previstas a priori. O trabalho usa do desejo de observar essas consequências, derivadas não necessariamente da vontade direta do arquiteto ou urbanista, mas de conflitos, relações sociais e políticas que atuam na cidade. Qual paisagem se forma no cotidiano das relações sociais para além do espaço material? O que leva a formação dessa paisagem?

Muitos aspectos da experiência da arquitetura nunca podem ser efetivamente simulados ou previstos pelo desenho representacional. Como uma coisa no mundo, a arquitetura sempre produzirá efeitos além daqueles capturados nessa descrição gráfica inicial. As limitações do desenho de arquitetura sugerem um paradoxo: nós tendemos a pensar nos edifícios como o reino da prova tangível, e nos desenhos como o reino dos efeitos efêmeros. Ainda sim edifícios estão muito menos sujeitos ao controle que desenhos. (ALLEN, 2009, p.43)

Sendo o registro uma forma de entender o cotidiano afim de torná-lo visível e, assim, elemento concreto de estudo, Georges Perec, em seu livro “Tentativa de esgotamento de um local parisiense”, descreve uma esquina de Paris em busca do seu esgotamento com o propósito de revelar seu cotidiano. Segundo ele:

O que está realmente acontecendo, o que estamos experienciando, o resto, todo o resto, onde está? Como devemos levar em conta, ques-

tionar, descrever o que acontece todos os dias e se repete todos os dias: o banal, o cotidiano, o óbvio, o comum, o ordinário, o infra-ordinário, o som de fundo, o habitual? [...] Como falar dessas “coisas comuns”, como localizá-las, esvaziá-las, arrancá-las da escória em que permanecem atoladas, como dar-lhes um significado, uma língua, deixá-las finalmente falar do que é, do que somos” (PEREC, 2016, p.210)

No trecho, Perec traz a questão do estudo do cotidiano e do comum, da relevância de questionar eventos corriqueiros, que no trabalho em questão é feito por meio da escrita, na forma de diário do lugar. Entretanto, esse registro pode ser feito de diversas formas, como em vídeos, desenhos, ou ainda por fotos, como faz o fotógrafo alemão Michael Wesely, que sobrepõe em uma mesma imagem, pela superexposição do filme, uma sequência de instantes direcionadas ao mesmo objeto ou espaço. Ou ainda, Fernand Deligny, educador francês que ao estudar o caso de crianças autistas, em um campo convencionalmente da escrita, opta por criar um método de mapeamento da rotina dessas crianças, traduzida em mapas para tornar visível novas questões sob o tema.

Assim, o trabalho aqui apresentado tem como campo de estudo a exploração do registro de atividades cotidianas na ocupação dos espaços de lazer. Essas dinâmicas constituem diariamente na cidade uma paisagem temporária que difere da paisagem física e concreta, as quais são, geralmente, planejadas. O registro é, portanto, uma forma de entender o espaço ocupado e os agentes que constituem essa paisagem que vai além do espaço físico e é formada por dinâmicas sociais e efêmeras. Dessa forma, entende-se por registro um processo de mapeamento, identificação de padrões e de realidade observada para o desenho - o qual foi

escolhido por permitir uma seleção precisa de que elementos mostrar e pela sua capacidade de dissecar inúmeras partes de uma mesma cena.

Em um movimento recente, a cidade de São Paulo tem aberto algumas de suas vias destinadas a carros para o uso de pedestres, atividade que ocorre principalmente aos domingos. Assim foi com a Avenida Paulista, aberta desde junho de 2015 a partir de decreto da gestão de Fernando Haddad². Desde então, todos domingos das 10h às 18h a avenida é fechada para automóveis e ocupada por pessoas, que realizam lá suas inúmeras atividades de lazer. O espaço, projetado para fluidez e circulação de automóveis, com seus canteiros, travessias de pedestre, organização de faixas e faróis, é inteiro ocupado por um uso inédito, não previsto a priori no projeto original e nas subsequentes reformas da avenida. Dessa forma, todos elementos físicos da via se tornam potenciais suportes para a forma com que as pessoas se apropriam do lugar, onde canteiros podem se tornar bancos, grades podem ser expositores e faixas possíveis formas de organizar o fluxo de pessoas.

Asfalto, calçada e alguns edifícios que abrem seus térreos ao público se tornam, então, o novo espaço do pedestre, cercado por construções de caráter privado e objetos que fecham as vias transversais, delimitando o espaço público temporário. No momento que as pessoas ocupam e utilizam o asfalto como lugar de lazer, os usos, programas e apropriações que surgirão são indeterminados.

1. Abertura

É importante em primeiro lugar evidenciar questões preexistentes à decisão da abertura da Paulista aos domingos, construindo um percurso de compreensão da vocação da avenida como espaço público de lazer até as negociações para sua abertura, uma vez que o fato de ter sido escolhida para tal intervenção e a dimensão que o evento semanal tem na cidade, tem origem em uma construção da via como espaço de lazer com grande potencial de ocupação que não o de artéria rodoviária.

1.1. Vocação

A avenida nasce com caráter residencial, uso decretado como exclusivo por lei municipal em 1937, ocupada por uma elite que buscava o afastamento do centro. Com rápido crescimento urbano em direção ao espigão central, o traço domiciliar da Paulista começa a se transformar. Em 1952 são permitidos prédios institucionais e de serviços, e

nos primeiros anos da década de sessenta já estão outorgados também o funcionamento de lojas e edifícios comerciais³. Essas mudanças foram seguidas por reformas na avenida e novos projetos de edifícios que incentivavam a apropriação do espaço pelo pedestre por meio de térreos comerciais, canteiros e sinalizações.

Quando Nadir Mezerani elaborou o projeto Nova Paulista em 67, o qual propunha o rebaixamento da circulação de automóveis para liberação do chão da avenida para passeio, apresentou também uma proposta que tinha como partido entregar a área destinada a circulação de carros ao pedestre.

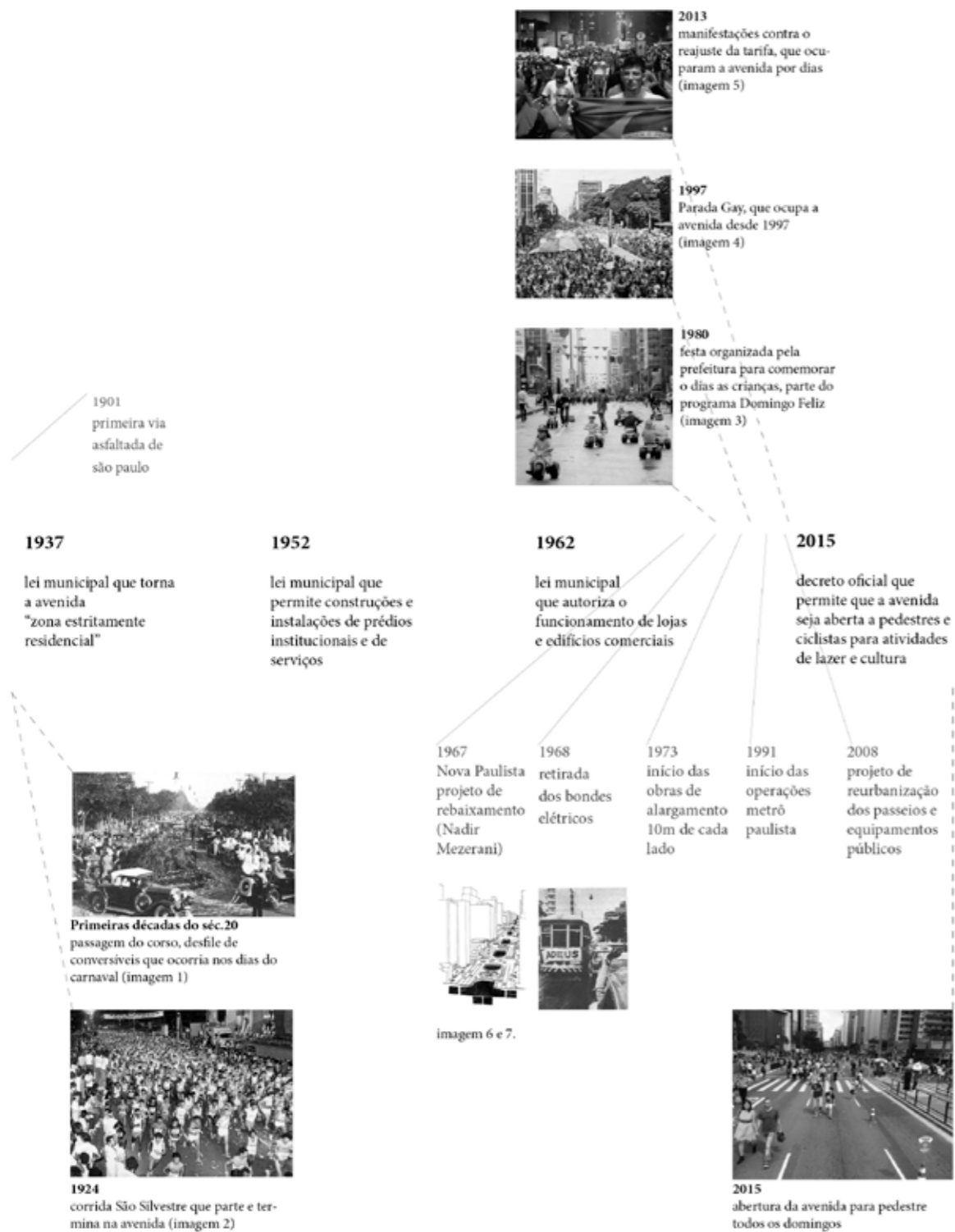
Observa-se assim que o conceito implantado em 2015 não é novo e foi sendo construído por meio de legislações, térreos comerciais, alargamentos de calçada e acessos por transporte público. Além de ocupações previstas por leis e decretos, a Paulista se formou como um ponto importante da cidade para a realização de grandes eventos, como carnavais de rua, festas de réveillon, corridas e manifestações que, tradicionalmente, tiveram como seu palco o asfalto da avenida.

A forma como é usada, sua escolha para abertura ao pedestre semanalmente - apesar de muitas discussões contrárias a isso - e a dimensão do evento que ocorre aos domingos, fazem parte de uma construção desse lugar como espaço público.

1.2. Negociações

A abertura semanal da avenida foi consequente de um processo de negociações entre a Prefeitura de São Paulo, chefiada então por Fernando Haddad, o Ministério Público e a associação da região da qual fazem parte comerciantes, empresários e moradores do entorno. Houve uma forte oposição do ministério público em relação a abertura, especialmente semanal, defendendo que o limite dado de três fechamentos ao ano não deveria ser extrapolado, alegando questões de segurança. Além disso, o fechamento para carros poderia afetar negativamente o comércio, ou ainda dificultaria o acesso aos hospitais da região, além de gerar mais trânsito no entorno.

Aberturas teste foram realizadas a partir do final de junho, mesmo contra a vontade do Ministério Público que chegou a cobrar multas à Prefeitura. Enquanto as negociações na esfera política ocorriam, alguns grupos favoráveis à abertura se organizavam para pressionar as autoridades pela decisão, algumas vezes ocupando a avenida em forma de protesto. Nas tentativas de chegar a um



acordo, cogitou-se que a avenida fosse parcialmente aberta, ainda mantendo algumas faixas para circulação de automóveis, o que foi negado pela Prefeitura, afirmando que essa possibilidade poderia colocar a população em risco.

A abertura consolidou-se para todos os domingos a partir de outubro de 2015, sendo apenas oficializada pelo programa "Ruas Abertas", que inclui outras vias a serem abertas, somente no fim de junho de 2016. Atualmente, a avenida é quase integralmente dedicada ao pedestre, com faixas dedicadas aos moradores para saída e chegada de carro, além do cruzamento com a Avenida Brigadeiro Faria Lima, que mantém a sua circulação usual. A repercussão foi positiva, e rapidamente incorporada pelo cotidiano da cidade.

2. Paisagem

Busca-se, em uma primeira imersão na avenida, registrar e entender o que constitui essa paisagem. Seus limites, agentes e mudanças são efêmeros, porém se apoiam em uma paisagem preexistente e material da Paulista. Assim, busca-se entender primeiramente o limite dessa paisagem, as formas de usar o espaço de lazer, os objetos trazidos para que esses usos sejam efetivados, e a relação que surge entre as dinâmicas sociais identificadas com as preexistências da avenida - faixas, canteiros, calçadas e edifícios.

Em um primeiro momento, afim de compreender e analisar a pós ocupação da Paulista aberta, optou-se por realizar registros das ocupações a nível do olhar, em um processo de identificação de usos e padrões por meio de fotos e vídeos, e a partir dos resultados audiovisuais, analisá-los graficamente. A transcrição para o desenho foi escolhida por permitir uma seleção muito precisa de que elementos mostrar e uma capacidade de dissecar inúmeras partes uma mesma cena, facilitando o estudo.

Sobre a decisão de, em um primeiro momento, representar a partir da altura do olhar a paisagem, Jean-Mac Besse faz uma precisa colocação em "O gosto do mundo":

O olhar aéreo seria como um olhar cartográfico: visto do alto, o espaço terrestre fica achataado, por assim dizer, e verticalidade do olhar contribui a transformar a paisagem em uma espécie de mapa dela mesma. De forma oposta, a frontalidade do olhar do pedestre indo ao encontro das coisas e dos seres nos caminhos restitui ou conserva da paisagem seus planos de fundo, suas perspectivas, suas margens in-

visíveis, suas espessuras inesperadas, precisamente a sua profundidade. [...] Num caso, o espaço é dado como um quadro a priori da experiência; no outro, vai se descobrindo aos poucos, ou melhor, vai se formulando e reformulando, à medida da progressão dos itinerários. (BESSE, 2014, p.209)

Assim, pretende-se explorar o registro a nível do pedestre, entendendo até que ponto esse pode dar conta do entendimento da paisagem em questão.

2.1. Limites

Da percepção imediata de que ao entrar na Paulista aberta havia uma mudança brusca na paisagem, veio a vontade de observar o que estava se parando essa paisagem e delimitando-a.

Por volta das 10h da manhã nos domingos, alguns carros ainda passam pela avenida, enquanto as pessoas já começam a andar de bicicleta e a correr no asfalto. O pedestre ocupa definitivamente a via quando os guardas de trânsito posicionam cones, fitas e cavaletes fechando as vias transversais.

São esses dispositivos de fechamento, normalmente utilizados para organizar o trânsito, que conformam essa paisagem dedicando o espaço exclusivamente para as pessoas. Além desses dispositivos, outros objetos são utilizados como apoio à abertura: guarda sóis e placas de PARE organizam o fluxo, e carroças adaptadas levam as bicicletas extras de aluguel para a avenida.

Quando esses objetos são tirados da via, os carros voltam a transitar e o limite da paisagem se desfaz.

2.2. Asfalto

A Avenida Paulista se consolidou fisicamente na forma que se conhece hoje por meio de processos ligados a alterações de legislação, mudanças de modais para o transporte público - retirada dos bondes, por exemplo - reformas e alargamentos. Pode-se dizer que em todas as alterações físicas pensou-se um lugar em que o pedestre se restringe à calçada e o carro ao asfalto, sendo toda sinalização, organização, alargamentos e canteiros voltados para essa lógica.

Dessa forma, quando a avenida é aberta ao pedestre, as atividades e programas que surgem tornam-se indeterminados, e a preexistência material se torna um cenário para essas atividades e um suporte para que elas ocorram. Há, portanto, a formação de uma paisagem efêmera que se forma a partir da relação com a paisagem estáti-

ca preexistente.

Primeiramente optou-se por identificar e classificar alguns usos em categorias gerais. Duas principais categorias encontradas foram atividades mais individuais, as quais não promovem aglomeração em torno delas, e outras como shows, aulas, e comércio que sim promovem aglomerações. Há uma distinção nos motivos da ida à avenida aberta. No primeiro caso busca-se desfrutar o espaço de lazer, participando dessa paisagem como espectador. No segundo caso, há uma intenção ligada a comercialização de bens e serviços na maioria das vezes, seja pela venda de produtos ou pela realização de eventos. Ainda assim, existem atividades que não se encaixam nessas duas categorias, como aulas de dança que são abertas e não pedem contribuições financeiras.

Se pretende reter, portanto, criar uma espécie de catalogação dos usos encontrados afim de facilitar o estudo posterior, restringindo o universo de observação.

2.3. Praia

Grande parte dos usos, mesmo aqueles que não promovem aglomerações, apoiam-se em algum tipo de objeto. Cangas, cadeiras, geradores, caçambas, palcos, uma série de instrumentos ordinários que quando são usados nas ocupações tem a capacidade de alterar paisagem. O asfalto opera de forma muito semelhante à areia da praia, onde dois chinelos delimitam o campo de futebol e um guarda sol pode criar um espaço mais privado. Existe, tanto na praia como no asfalto, uma ideia de informalidade e efemeridade, onde tudo que se montou para apoiar as atividades deve ser desfeito até o final do dia, o que faz com que a Paulista aberta de assemelhe mais ao modelo da praia como espaço de lazer com o modelo de praças em São Paulo. Nota-se também que alguns objetos, principalmente os de apoio ao comércio são frequentemente versões adaptadas para a mobilidade necessária na avenida

Na praia, uma pessoa ocupa um espaço de múltiplas formas: comprando / vendendo, descansando / brincando, movendo / permanecendo. Existe um engajamento diferente com o espaço a cada visita. Sempre surpreendente, o fenômeno de ir à praia acentua o magnetismo da praia como um modelo urbano. (AQUINO; SHANSKI, 2009, p.47)

No livro *Complex order- intrusions of public space* o escritório spmb fala sobre o conceito de *beachscapes* - paisagem da praia - baseando-se

nesse princípio para sua própria produção arquitetônica. Segundo eles, a paisagem da praia oferece maior potencial que a estrutura de edifícios para negociações, como entre pessoas e objetos, economia e cultura - definindo esse território como dinâmico e em constante transformação. Essa definição aproxima a ideia de *beachscapes* com a paisagem da avenida aberta, onde a todo momento acontecem negociações de espaço e convívio, assim como políticas e econômicas, e que a cada semana se transformam pelo número de atividades e tipos de uso que vão surgindo.

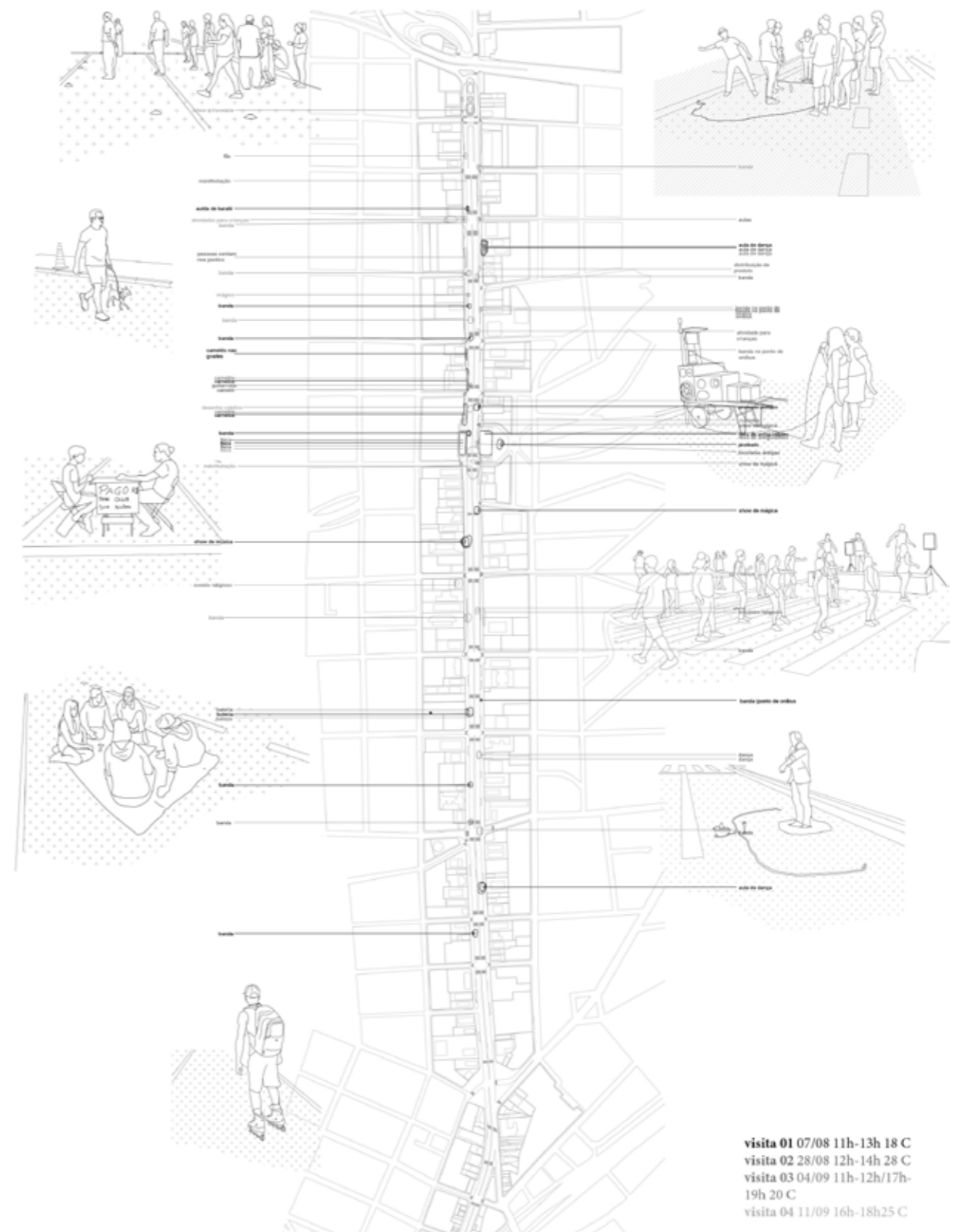
2.4. Aglomerações

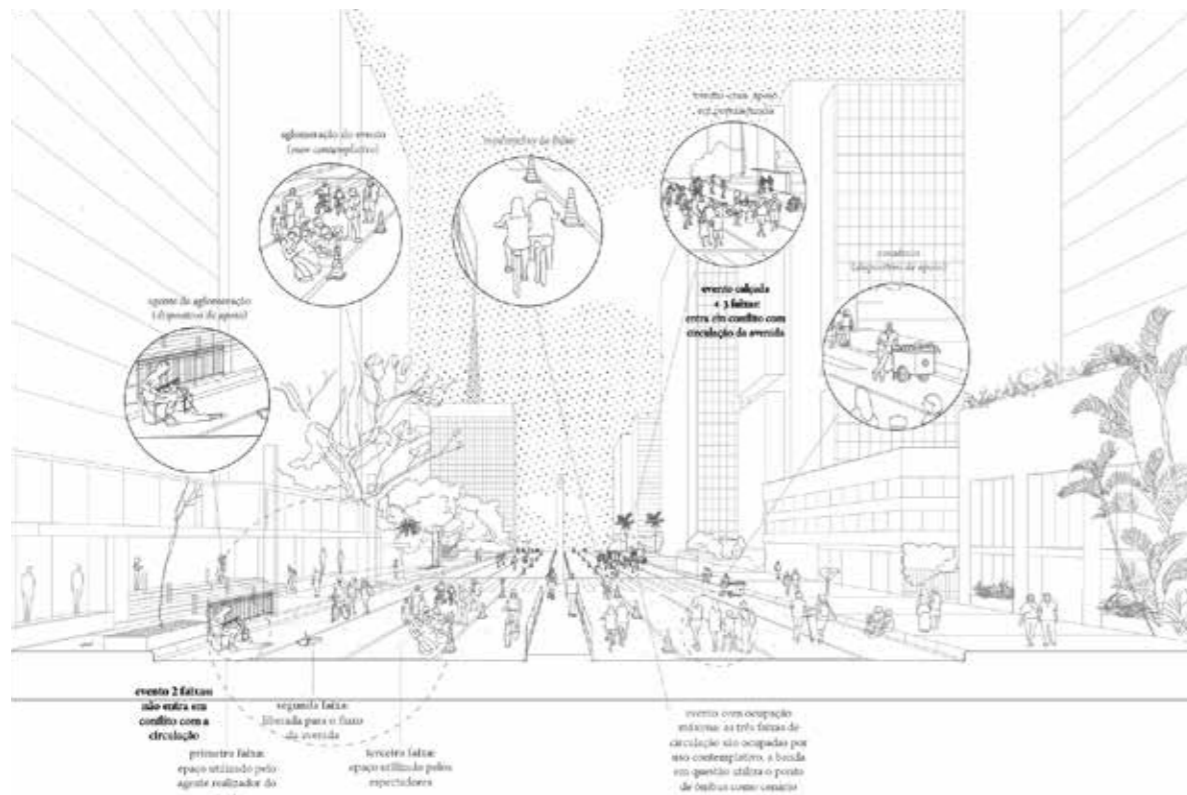
Identificada a diferença entre usos que promovem e que não promovem aglomerações, a intenção é compreender mais a fundo os eventos, buscando levantar principalmente onde se concentram, como se organizam e que agentes estão compondo a aglomeração.

Em ocasião de palestra realizada pelo Sesc (Serviço Social do Comércio) em São Paulo, o autor Francesco Careri fez uma analogia afim de entender melhor a organização das cidades⁴. Segundo ele, a cidade seria como um mar onde os fluxos acontecem, enquanto as ilhas são os momentos de parada desse fluxo. Essa ideia foi apropriada aqui na busca pela compreensão de que a Paulista, mesmo quando aberta ao pedestre, mantém um fluxo linear de “vai e volta” - onde se veem pessoas à passeio, outras praticando esporte - e ao longo da avenida existem alguns momentos de parada, os eventos, que seriam as ilhas em meio a esse fluxo. Entende-se, portanto, que os momentos de parada ocorrem individualmente ao longo de toda avenida, mas também acontecem com forma e volume nesses eventos.

Assim, as visitas iniciais tiveram como objetivo mapear onde os eventos ocorriam para visualizar em que região se concentravam. Observou-se que na região entre Conjunto Nacional e Masp haviam mais eventos, os quais iam dissolvendo-se no sentido Vila Mariana⁵. Isso revela de certa forma uma relação direta com a construção de uso da avenida trazida. Essa região concentra a maior parte do comércio e equipamentos culturais, com edifícios abertos ao público como Masp, Conjunto Nacional e Center 3, sendo assim mais ocupada por pedestres no dia-a-dia.

Após entender onde estão concentradas as atividades, foram elaboradas análises de aglomerações para entender quais agentes participam, assim como a relação que cada uma delas estabe-





lece com um lugar. Primeiro, percebe-se que grande parte das vezes as faixas de trânsito possuem um papel importante tanto no tamanho da atuação - tanto no caso de uma delimitação precisa da atividade como no posicionamento do público, que também de se chega a se organizar por faixas, como será visto adiante. Além das faixas, outros elementos são usados como suporte ou plano de fundo. No momento em que o agente de aglomeração - a banda, o mágico, o professor - escolhe um lugar na avenida para se instalar, uma série de decisões são tomadas que levam em consideração as condicionantes físicas daquele lugar específico, é uma espécie de ação projetual do indivíduo. Ao longo da avenida diversos tipos de estratégias são usados nesse sentido, porém não existem regras, cada caso deve ser analisado individualmente.

3. Ilhas

Essa seção pretende entender a formação das ilhas por meio do registro cartográfico, com ênfase na relação entre três casos escolhidos com a paisagem material da avenida. Tal entendimento será dado inicialmente pela escolha de uma ferramenta capaz de registrar as aglomerações como um todo para

fins de análise. Além disso, leva-se em conta a relevância das mídias sociais para a realização desses eventos, os quais são, muitas vezes, previamente marcados e organizados através das redes, e, por fim, o desenhos de três casos que apresentam diferentes estratégias na escolha de locais específicos da avenida.

3.1 Registro cartográfico

Após ter selecionado aspectos relevantes da paisagem pelo registro a nível do olhar, compreendendo que as aglomerações possuem um papel importante na constituição da mesma, buscou-se uma ferramenta que permitisse analisá-la. Entendendo que o registro a nível do pedestre opera em função de descobrir a paisagem, com suas variantes, perspectivas e planos de fundo (BESSE, 2014, p.208), no momento em que se tenta registrar aglomerações maiores este se esgota e se torna ineficiente uma vez que, com a quantidade de pessoas perde-se a profundidade e não se vê o evento como um todo.

Nesse sentido, a visualização cartográfica permite um distanciamento do plano do asfalto gerando uma total visualização do evento. Pode-se

dizer assim que o olhar do pedestre seria um processo de descobrir, enquanto o olhar aéreo seria o de analisar. Como coloca Jean-Marc Besse:

O mapa e o itinerário parecem, assim, apresentar-se como dois modos distintos, se não alternativos, de percepção, organização e recorte do espaço. Constituiriam como dois polos da nossa relação com a espacialidade. De um lado, haveria de “ver o espaço como um mapa”, e do outro, de “vê-lo como um percurso’ ou um caminho. A esse respeito, poderíamos, sem dúvida, relacionar essa distinção com a questão do olhar sobre a paisagem, mais exatamente com a questão da “altura” desse olhar. (BESSE, 2014, p.208)

Para isso utilizou-se um drone afim de registrar com fotos e vídeos uma manhã de domingo na avenida, os quais, mais adiante, foram analisados através do desenho⁶. Essa ferramenta gerou uma visualização que possibilita a análise do evento, das faixas não ocupadas e do espaço material ao redor. É interessante notar que ao subir o olhar, é possível perceber os acontecimentos em outra escala. Com o distanciamento e a mudança nos planos da imagem, que não mais se sobrepõe como a nível do pedestre, a sensação imediata é de uma avenida aparentemente mais vazia, já que os usos se tornam mais dispersos. Isso revela a importância da mudança do ponto de vista sobre a paisagem, que se altera e se torna mais passível de análise através do olhar cartográfico.

3.2 Paisagem virtual

No momento que o agente de aglomeração inicia sua atividade - quando uma banda começa a tocar, um vendedor abre sua barraca, um professor começa sua aula - percebe-se um magnetismo, um fenômeno de atração de pessoas no entorno que influencia os fluxos. Esse acontecimento é espontâneo, a pessoa que passava não necessariamente previa esse momento de parada. Entretanto, no caso da Paulista, é comum que muitos desses eventos sejam marcados previamente nas mídias sociais, o que tem como resultado uma espécie de paisagem virtual daquele acontecimento, uma camada adicional à aglomeração.

É importante ressaltar que quando um evento é lançado em mídias sociais, significa que o público presente não necessariamente parou seu fluxo em função desse, já que muitas vezes o tal evento era o próprio motivo do comparecimento na avenida aberta. Além disso, a rede virtual de compartilhamento continua ativa enquanto os mesmos aconte-

tecem e, até mesmo após o fechamento, faz com que mais pessoas vejam e queiram comparecer no próximo domingo para vivenciar a abertura, o que tem como resultado final uma espécie de alimentação contínua do volume de pedestres.

3.3. Estratégias

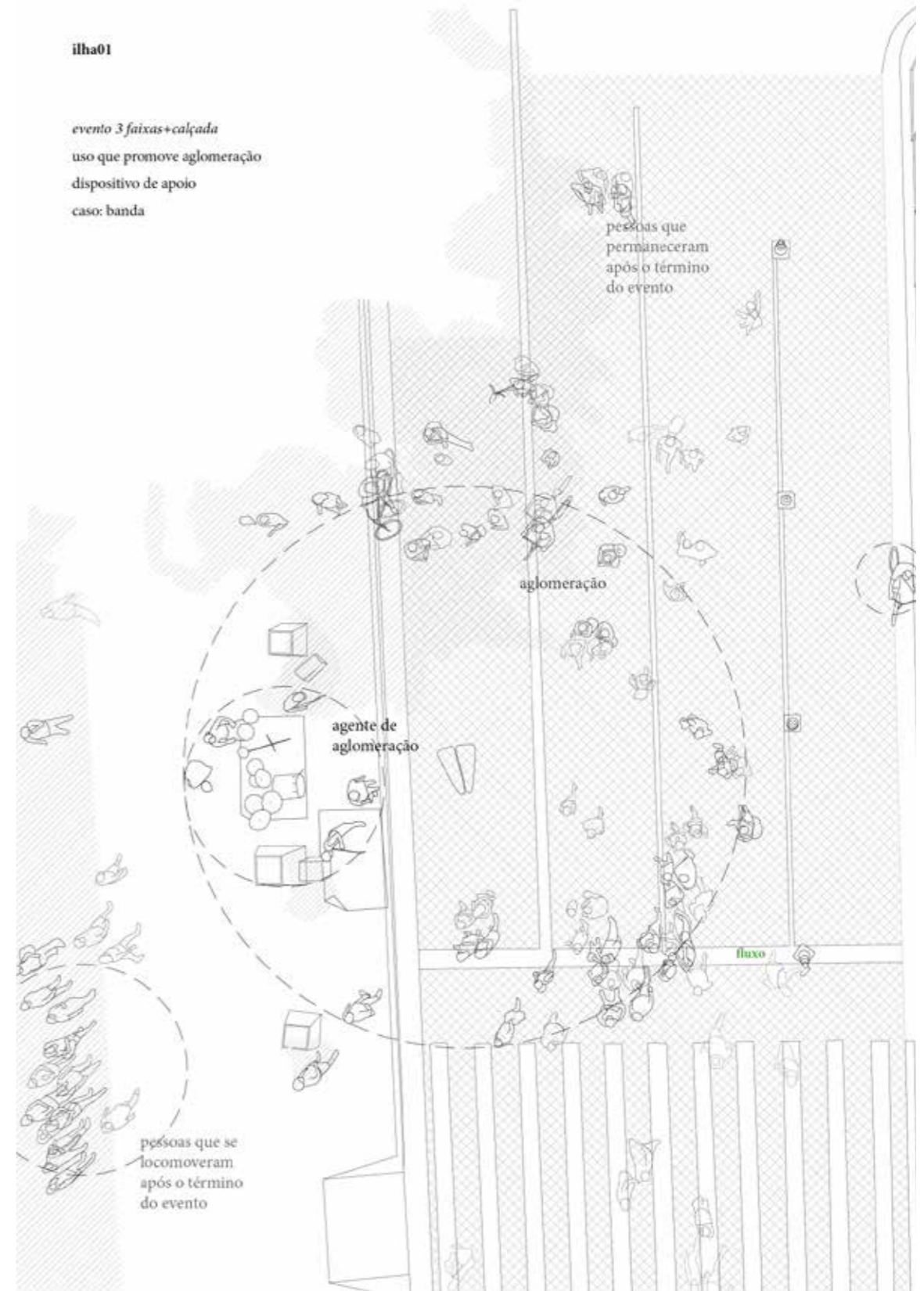
Para a análise e transcrição das ilhas por meio do registro cartográfico, foram escolhidos três casos a partir da visita realizada com o drone. Cada caso adota uma estratégia diferente para a escolha do local do evento, mesmo que as motivações das escolhas sejam semelhantes. Essas estratégias são entendidas como ações projetuais realizadas pelas pessoas que realizam o evento.

A Paulista, assim, funciona como um fundo, uma base onde a paisagem efêmera opera. Cada ilha nessa paisagem possui um conjunto de regras a constituem, começando pela escolha do lugar. Cada aglomeração tem suas regras, as quais atuam de forma individual, de modo que não existem determinações gerais aplicáveis a todos os casos posto que essas podem prever outras formas de usos posteriores. Portanto, o trabalho se coloca como um exercício de identificação de caso a caso para entender as relações estabelecidas com a paisagem material, constatando que essa relação existe e que existem padrões recorrentes, porém não se caracterizam como normas gerais.

Sobre a questão da tentativa do registro e pesquisa de conceitos empíricos, Jean Marc-Besse, utilizando de citação de Umberto Eco, coloca:

A noção de tentativa torna-se crucial aqui. Se o esquema dos conceitos empíricos é um *constructo* que busca tornar os objetos naturais pensáveis e se a síntese dos conceitos empíricos não pode nunca ser feita, já que será sempre possível descobrir, durante experiências posteriores, novos caracteres (*nota*) do conceito, então os próprios esquemas só podem ser revisáveis, falhos, e destinados a evoluir no tempo.” [...] Toda percepção, toda denominação, toda descrição, nesse sentido, deve ser considerada uma hipótese ou uma interpretação, isto é, no modo do “como se”. Tudo acontece *como se* este algo que se mexe na minha frente fosse um cavalo, ou um ornitorrinco. “Como se” este algo fosse um exemplo do conceito que possuo, ou um caso da regra que conheço. (ECO, 1997, p.100 *apud* BESSE, 2014, p.162)

Nota-se ainda que nos três eventos registrados não está presente o conflito de espaço com outros agentes da avenida. Observa-se essa ausência de



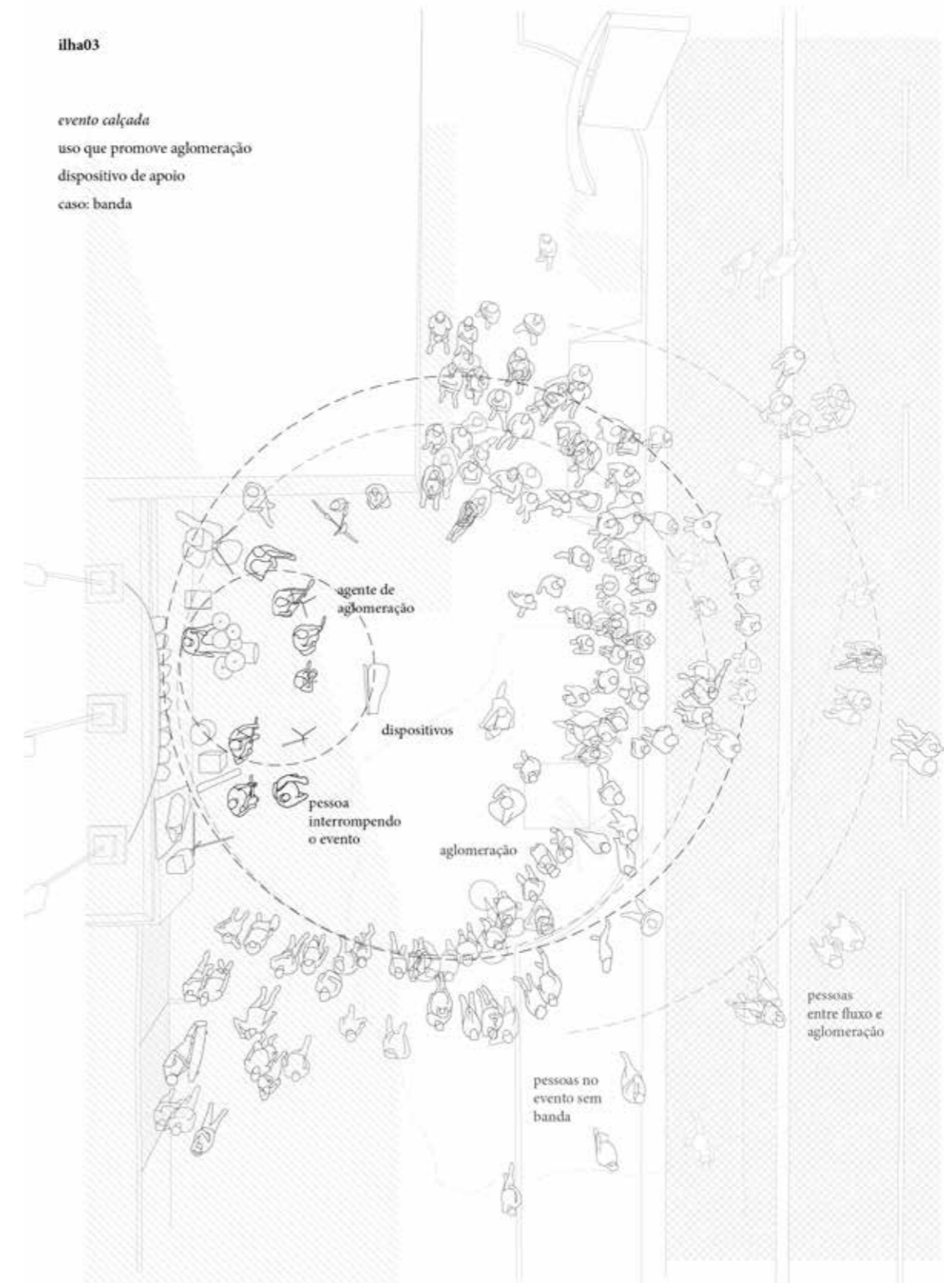
ilha02

evento esquina
uso que promove aglomeração
dispositivo de apoio
caso: mágico



ilha03

evento calçada
uso que promove aglomeração
dispositivo de apoio
caso: banda



conflito na busca de recuos onde o público do evento não atrapalha a circulação de pedestres e pelo volume de pessoas presentes, que não chega a barrar o fluxo. Isso pode ser dito porém apenas na duração desse trabalho, pois a abertura ainda é recente e as formas de se usar a avenida ainda estão sendo construídas.

4. Considerações finais

O trabalho se propôs assim a um exercício de análise e identificação de temas presentes na paisagem. Um exercício de registro de um momento sob um ponto de vista, dentro de um universo de temáticas que poderiam ser adotadas na Paulista Aberta. As formas de usar e as atividades ainda estão em construção e podem se tornar algo diferente a cada domingo, dando a pesquisa um caráter de continuidade indefinida. Uma vez que as possibilidades não se esgotam, não existem regras gerais que podem prever nem definir as formas nas quais a avenida é ou será ocupada.

O espaço da paisagem é, primeiramente, o daquele movimento ou daquele ímpeto que se desdobra e institui um mundo. Em outros termos, mais uma vez, trata-se, com a paisagem considerada hodologicamente⁷, de pensar e representar um espaço que não é dado hodologicamente como primeiro, como abrangente, como quadro fixo e estável dentro do qual se desdobrariam gestos e ações. Trata-se de conceber um espaço construído pelos movimentos, um espaço que fosse como a cristalização, também provisória, de um conjunto de eventos, um espaço movido e sempre aberto, de certo modo, sempre passível de reformulação. (BESSE, 2014, p.193)

O trabalho cria então um entendimento da pós-ocupação da avenida aberta passando pela construção histórica do uso, como vocação para espaço de lazer ocupado por pedestres; pelo levantamento de tópicos importantes do uso que levam à questão das aglomerações como elementos formadores dessa paisagem; indo até o entendimento dessas ilhas e suas relações intrínsecas com a paisagem material da avenida, que varia de caso a caso. No entanto, não é possível dizer que o trabalho se encerra uma vez que o processo de identificação de relações presentes no espaço não é previsível e não se esgota, pode-se apenas reconhecer alguns padrões dentro de certa temática, entendendo que a pós ocupação do espaço nos ajuda a compreender as repercussões não planejadas da arquitetura e do urbanismo.

Imagens

1. (elaborada pela autora)
2. (elaborada pela autora - a partir de imagens disponíveis em: <<http://www1.folha.uol.com.br/asmais/2015/07/1660572-carnaval-protestos-e-dia-das-criancas-sao-eventos-que-ja-lotaram-a-av-paulista-veja.shtml>>. Acesso em nov. 2016.
3. (elaborada pela autora)
4. (elaborada pela autora)
5. (Disponível em: <http://istoe.com.br/184502_UM+GIGANTE+ADORMECIDO/>. Acesso em dez.2016)
6. (elaborada pela autora)
7. (elaborada pela autora)
8. (elaborada pela autora)

Referências bibliográficas

- ALLEN, Stan. *Practice: architecture technique + representation*. Nova Iorque: Routledge, 2009.
- AQUINO, Eduardo; SHANSKI, Karen. *Complex order: intrusions in public space*. Winnipeg: Plug In Editions, 2009.
- BESSE, Jean-Marc. *Exercício de paisagem*. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.
- MESSU, Dimitri. Two or three things i know about her.... *Oase: productive uncertainty*, vol.85, out. 2011. Disponível em : <<http://www.oasejournal.nl/en/Issues/85>>. Acesso em: 19 out. 2016
- PEREC, Georges. *Tentativas de esgotamento de um espaço parisiense*. São Paulo: GG Brasil, 2016.
- PETRESCU, Doina. The indeterminate mapping of the common. *Field: Architecture and Indeterminacy*. vol.1, n.1, set.2007. Disponível em: <<http://field-journal.org/portfolio-items/field-1-architecture-and-indeterminacy/>>. Acesso em out. 2016
- SOUZA, Edison. *Arquitetura da Avenida Paulista*. São Paulo: Amplitude Editora, 2011.

Notas

1. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Associação Escola da Cidade (2016) - lduquepeters@gmail.com
2. No final de junho foi realizada a primeira abertura teste, no mesmo dia da inauguração da ciclovia. As aberturas regulares começaram apenas em outubro.
3. As transformações na avenida por meio da legislação geraram muitas outras repercussões que são interessantes de esclarecer para a compreensão da consolidação do uso atual, mas que não competem aos objetivos intrínsecos à pesquisa aqui desenvolvida.
4. Palestra realizada pelo Sesc e Escola da Cidade no dia

05/07/2016- parte de uma série de palestras pós Flip (Festa Literária Internacional de Paraty).

5. Foram registradas em mapa apenas as 4 visitas iniciais, porém isso se confirmou em todas as visitas realizadas no período desse trabalho.

6. As fotos e vídeos do drone são creditadas à Pedro Barros, que realizou o voo durante a visita.

7. Sobre o espaço hodológico, Besse coloca: “A espacialidade hodológica corresponde a essa perspectiva de um espaço em movimento, que não é pre-existente ao caminho, mas que, inversamente, é produzido, tanto no plano da realidade efetiva quanto no plano da percepção, pela caminhada” (BESSE, 2014, p.192).